

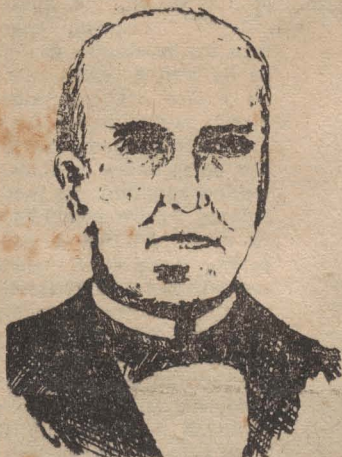
Academia Mineira de Letras

CADEIRA N.º 17

Patrono: ARTUR LOBO

Diário de Minas, 9-12-1956

CAMILO MARIA FERREIRA ARMONDE — Barão, Visconde e, finalmente, Conde de Prados, nome por que ficou popularmente conhecido, nasceu em Barbacena em 7 de agosto de 1815 e faleceu no Rio de Janeiro em 14 do mesmo mês, em 1882. Filho do barão de Pitangui, foi enviado aos 13 anos para o Colégio do



Conde de Prados

Caraca onde fez todos os preparatórios. Em 1832, partiu para a França, fixando-se em Paris, onde cursou medicina, tendo sido aluno do célebre médico-legista Devergie, de quem foi agente preparador. Defendeu o a tese "Essai sur l'étude de la vie", recebeu o grau de doutor. Regressando à Pátria, fixou-se na terra natal, dedicando-se inteiramente à clínica. Desgostoso com a morte do pai, abandonou a medicina, muito embora se visse forçado a atender a numerosos doentes que buscavam a sua casa. Sua fama era imensa, e a ela se referiu com louvores o célebre padre Corrêa de Almeida. Fundou o Hospital de Misericórdia de Barbacena com a herança que recebera de seu tio e padrinho Antonio José Ferreira Armonde. Votando horror à escravidão, libertou direta ou

indiretamente cerca de quinhentos escravos. Lutando pela maioridade de Dom Pedro II, fundou o "Eco da Razão", em que expunha as suas idéias políticas, as quais o levaram, mais tarde para a oposição. Comprometido na Revolução de 1842, foi tido como um dos chefes, e isso lhe valeu a prisão por alguns meses, até o julgamento pelo júri de Piranga, que o absolveu, unanimemente. Abandonando por algum tempo as lides políticas, a elas retornou. Eleito deputado em 1842, viu o seu nome sufragado mais cinco vezes. Em três legislaturas, alcançou a presidência da Assembléia Geral Legislativa. Distinguido com a presidência da Província do Rio de Janeiro, cercou-se de excelentes auxiliares, entre os quais Martinho Campos Filho e o Dr. Francisco Otaviano, que foi mais tarde insigne diplomata, além de parlamentar e poeta brilhante. Conselheiro de Estado, comendador da Ordem de Cristo, dignitário da Ordem da Rosa, nunca abandonou os estudos prediletos: medicina e astronomia. Sábio — era o título a que fez jus pela sua alta inteligência. Homem que não procurava postos, a eles chegou pelas suas prendas morais de estadista e benfeitor da humanidade.

160

EDUARDO DE MENEZES — Fundador da cadeira n. 17 e um dos fundadores da Academia Mineira, nasceu em Niterói em 14 de novembro de 1857 e faleceu em 27 de maio de 1923. Bacharelou-se em letras no Colégio Pedro II em 1875 e doutorou-se em medicina pela Imperial Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882, defendendo a tese — “O valor das injeções hipodérmicas”. Submetendo-se a concurso, foi nomeado adjunto do lente catedrático Conselheiro Tôrres Homem, na 1.ª cadeira de clínica médica, juntamente com o dr. Francisco de Castro. Ingressou na Academia Imperial de Medicina com a tese “Os abscessos latentes do fígado” e dela foi eleito 2.º secretário em 1885. Regeu diversas cadeiras na Faculdade nos impedimentos e nas licenças dos respectivos titulares. Em 1887 e 1888, fixou-se na Europa, frequentando diversos cursos em Viena, Berlim e Paris. Na Cidade-Luz, trabalhou longamente no laboratório de Pasteur e na célebre clínica de Charcot. Honrado com a estima de Dom Pedro II, que o apresentou a diversas celebridades européas, foi agraciado pelo monarca com os títulos de Moço Fidalgo com exercício na Casa Imperial e comendador da Ordem de Cristo. Por motivos de saúde, veio para Minas em caráter provisório, fixando-se em Juiz de Fora. Terminou por demitir-se dos cargos na Faculdade de Medicina, elegendo Juiz de Fora para domicílio e residência. Designado representante do Estado de Minas no Congresso Pan-Americano, não pôde, por motivos de saúde, aceitar a incumbência. Recebeu muitas dignidades em sociedades científicas e nacionais: membro da Sociedade Astronômica de França, sócio correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Associação Internacional contra a tuberculose, de Berlim. Durante a sua longa permanência em Minas, exerceu notável atividade nos setores científicos, pedagógicos, filantrópicos, dirigindo consultório clínico de larga e merecida fama em todo o Estado. Foi um dos fundadores e maiores animadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia, de Juiz de Fora, de que foi presidente várias vezes e, afinal, efetivo, da Escola de Farmácia e Odontologia do Granbery, da Escola de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora, da Faculdade de Direito de Juiz de Fora, de que foi vice-diretor, ocupando a cadeira de medicina-legal, da Liga Mineira contra a Tuberculose, de que foi presidente perpétuo. A esta associação anexou o Instituto Pasteur anti-rábico, um instituto vacinogênico anti-variólico, um instituto anti-ofídico, um ambulatório anti-tuberculoso, todos em prédios próprios, que adquiriu, adaptou e construiu com o patrimônio que conseguiu formar. Presidente do Conselho Administrativo da Academia do Comércio de Juiz de Fora, foi ainda diretor de higiene do município, cargo que exerceu gratuitamente. Quando se tratou da fundação da Academia Mineira de Letras, entusiasmou-se com a idéia. Eleito por aclamação unânime presidente dela, dirigiu-a várias vezes, em reeleição até que se verificou a transferência do sodalício para a Capital Mineira. Além de numerosos boletins e relatórios que redigiu, publicou os seguintes livros: “O clima de Juiz de Fora”, “Um estudo médico sobre o suplicio da crucificação de Cristo”, “A serra de Ibitipóca”, “Cidade salubre”, “A liberdade do ensino”, “Dois médicos ilustres de Minas”; “Conde Prados e dr. João Penido”, “A revolução mineira de 1843”. “A ortografia fonética” e a grande obra em quatro volumes “Evolução e fisiologia dos corpos da natureza”, da qual apenas surgiu o primeiro volume. Os demais volumes ficaram inéditos, através de vasto material, que estava coligindo, ao falecer. Dêle ficou inédito um tratado prático de Medicina Legal. Mineiro adotivo pelo coração, deixou um nome — e que nome! — digno da veneração de Juiz de Fora e de todo o Estado, quer como cientista, pensador, sociólogo, quer como escritor, de linguagem apurada e elegante.



Prof. Eduardo de Menezes